

MITOLOGIA E CONJUGALIDADE: UM ESTUDO DE CASO CLÍNICO

Isabel Cristina Ribeiro Jacinto¹
Cláudia Waltrick Machado Barbosa²

RESUMO

Aborda-se nesta pesquisa, o tema mitologia e conjugalidade, delimitado para a força e importância dos tipos psicológicos junguianos e de como a imagem arquetípica é usada para expressar as regências da consciência. Tem-se como objetivo o processo de individuação conjugal. Justifica-se a pesquisa deste tema ao fato de o casamento ser um palco de constantes reedições de feridas. Para tanto, usou-se de metodologia científica com métodos adequados, sendo feito o levantamento de referencial teórico, como livros e artigos, e estudo de caso clínico. Por fim, teve-se como resultados mais expressivos a força do mito do casamento e sua retroalimentação através do sistema de crenças individuais e sociais, tanto da família constituída como da família instituída, a influência da família de origem e a dinâmica da conjugalidade em transformação.

Palavras-chave: Mito, Tipos psicológicos junguianos, Arquetípico, Regências da consciência, Conjugalidade.

MYTHOLOGY AND CONJUGALITY: A CLINICAL CASE STUDY

ABSTRACT

Approaches of this research, the theme mythology and conjugality, bounded to the strength and importance of psychological Jungian types and how the archetypal image is used to express the regencies of consciousness. It has been the objective of the process of individuation marriage. It is appropriate to research this subject to the fact that marriage is a stage of constant reissues wounds. Therefore, it used scientific methodology with appropriate methods being done raising theoretical framework, such as books and articles, and study of clinical case. Finally, had it as the most significant results of marriage myth of strength and feedback through individual and social beliefs system, both family constituted as the established family, the influence of the family of origin and dynamics of marital changing.

Keywords: Myth, psychological types, Jungian, Archetypal, Regencies of consciousness, Conjugality.

¹ Acadêmica da 10ª fase do Curso de Psicologia do Centro universitário UNIFACVEST

² Psicóloga e pedagoga – Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST, Mestre em educação, especialista em terapia familiar e de casal

INTRODUÇÃO

Ao longo da história o relacionamento homem-mulher tem causado grande fascínio, principalmente quando entra em cena a mitologia grega, lá encontramos Zeus e Hera, Psique e Eros, Afrodite e Hefesto entre outros. O que nos intriga no relacionamento conjugal é como tipos psicológicos tão distintos conseguem coabitar, compartilhando vivências, como também aspectos da vida individual. Diante disto observaremos a influência dos tipos psicológicos descritos por Jung, como também o seu entendimento de casamento como uma extensão distinta na qual cada cônjuge, através do espelhamento, pode deparar-se com sua face sombria e maléfica.

Neste sentido Jung, (2011, p.167) coloca que:

Como relacionamento psíquico o matrimônio é algo de complicado, sendo constituído por uma série de dados subjetivos e objetivos que em parte são de natureza muito heterogênea. Sempre que tratamos do relacionamento psíquico, pressupomos a consciência. Não existe nenhum relacionamento psíquico entre dois seres humanos, se ambos se encontrarem em estado inconsciente

Para Vargas (2004) o desenvolvimento pode ocorrer na maioria das vezes de maneira inconsciente para os cônjuges, que não percebem de forma imediata as amplas e intensas mudanças que certamente irão se dar no casamento; para que um relacionamento venha ocorrer se faz necessário que haja uma separação entre o eu e o outro, seria o equilíbrio que viesse ocorrer dentro e fora da relação.

Jung (2011, p. 168) explica que:

Ao atingir a idade adequada para o casamento, já tem o jovem a consciência do "eu" (a moça geralmente mais do que o rapaz), mas só há pouco tempo ele emergiu do nebuloso inconsciente inicial. Tem ainda vastas regiões que permanecem na sombra da inconsciência, as quais não permitem ainda que se estabeleça o relacionamento psíquico no âmbito que alcançam. Isso significa na prática que o jovem tem um conhecimento incompleto tanto de si mesmo como do outro; por isso também conhece de modo insuficiente os motivos do outro como também os próprios. Na maioria das vezes o jovem costuma agir levado apenas por motivos inconscientes. Naturalmente, do ponto de vista subjetivo, ele tem a impressão de estar muito consciente, pois é sempre costume a pessoa exagerar os conteúdos conscientes atuais.

Portanto, o casamento seria considerado uma relação individual em termos psicológicos quando se reconhece a natureza inconsciente das motivações, no entanto para que isso ocorra é necessário que os cônjuges tenham um convívio por deveras íntimo, onde haja um espaço para que cada um venha a trabalhar sua sombra, enxergando o outro como uma individualidade dissociada na relação Eu-Outro. (ALBERT, 2015).

Para que ocorra tal nível de consciência conjugal se faz necessário que haja um diálogo estimulante e constante entre os parceiros, existem vários caminhos para a realização consciente, no entanto tal processo em geral tem seu início na segunda metade da vida, ou seja: As imagens femininas que o homem carrega dentro dele e as imagens masculinas que a mulher carrega dentro dela são projetadas no seu respectivo parceiro, essa harmonia construída pelos parceiros, muitas vezes, é o resultado dos cônjuges investindo na persona do casamento, cada cônjuge identifica-se com as projeções do parceiro, não se apropria dos próprios sentimentos, e acordos implícitos são combinados para, frequentemente, manter uma ilusão de um casamento (ALBERT, 2015).

Ainda nas palavras de Albert (2015, p.38) “Esse complexo de harmonia tem a capacidade de refrear a criatividade e flexibilidade na relação; já que a energia está direcionada para sustentar as aparências e impedir que a sombra de cada cônjuge fique exposta”. Na relação conjugal, os parceiros confiam algumas exclusividades de suas vidas, tal quais: sentido da vida, sexualidade, corpo, fantasias, autoconceito, valores; ensejando ao casamento uma forma complexa, conflitiva e desafiadora de amar, contribuindo para a ocorrência do processo de individuação (MONTORO, 2004).

Intentaremos examinar como o tipo psicológico de cada cônjuge pode influenciar ou não, na questão da conjugalidade, mais precisamente em seus conflitos conjugais. Para tanto temos, como definição de tipo psicológico como um modelo característico de uma atitude geral que se manifesta em muitas formas individuais. Das muitas e possíveis atitudes, saliento nesta pesquisa quatro, isto é, aquelas que se orientam, sobretudo pelas quatro funções psicológicas básicas: pensamento, sentimento, intuição e sensação.

Quando uma destas atitudes é habitual e imprime ao caráter do indivíduo um cunho determinado, falo então de um tipo psicológico. Esses tipos, estribados nas funções básicas, e que podemos denominar tipos pensamento, sentimento, intuição e sensação, dividem-se, conforme a qualidade da função básica, em duas classes: racionais e irracionais. Aos primeiros pertencem o tipo pensamento e sentimento, aos últimos o tipo intuição e sensação. Outra divisão em duas classes é autorizada pelo movimento dominante da libido, isto é, a introversão e a extroversão. Todos os tipos básicos podem pertencer a umas ou outras classes – dependendo da atitude predominante: se é mais introvertida ou mais extrovertida (JUNG, 1991, p.450).

Para melhor compreender os aspectos gerais deste estudo, precisamos antes de mais nada trazer um pouco do que se tem como casamento para que a coerência e amplitude do tema possa ser compreendido e o caso clínico em breve apresentado ganhe sentido. Portanto, embora muitas pessoas anseiem pelo casamento perfeito na mitologia ele não aparece, na mitologia é

comum a descrição dos conflitos arquetípicos das emoções humanas, assim como das dificuldades dessas relações e suas dinâmicas.

Moraes (2000, p. 7) nos diz que: são tempos difíceis. Muitas verdades tidas como absolutas e imutáveis estão desmoronando. “As antigas bases da relação homem/mulher ruíram. A instituição do casamento está fortemente abalada. A mulher adotou discurso próprio, rebelde e revolucionário”. Ao iniciarmos a jornada nos caminhos e descaminhos do amor, passamos por decepções, sofrimento, sonhos se perdem nas idealizações que insistem em não ocorrer, mas é em função dessa viagem que cada um encontra o outro e a si mesmo, é por isso que o relacionar-se se torna vital em nossas vidas. (SIQUEIRA, 2015).

De acordo com Carotenuto (1994) ao vivermos o amor, vivenciamos e provocamos dores e sofrimentos, o que acarreta bastante tormento, no mundo interior registram-se experiências desde o nascimento, tais como medo da separação e angustia, tais sentimentos são reeditados quando estamos no estado de enamoramento. Siqueira (2015) complementa salientando que, existe uma ilusão de preencher um vazio estrutural, baseado na vivência de amor, tal experiência corresponde a exigências profundas da pessoa, podendo ser definida como uma busca da totalidade perdida.

Carotenuto (1994, p. 54) afirma que: “Se eu me encontro numa fase em que experimento agudamente essa dor, o outro adquire o valor de uma esperança: a promessa, para mim, de me tornar algo completamente novo”. É a extensão da falta que encoraja a busca do outro como totalidade e simboliza para o indivíduo uma contínua promessa de diferenciação e de mudança. Contudo, uma promessa de completude envolve sempre o risco de um fracasso. (SIQUEIRA, 2015).

Continuando ainda com o tema casamento, precisamos fazer um adendo para compreender o casamento como possibilidade para o processo de individuação, já que este pressuposto é primordial para entendermos o lugar que ocupa o sujeito nesta complexa relação, denominada conjugalidade. A individuação significa tender a tornar-se um ser realmente individual; na medida em que entendemos por individualidade a forma de nossa unicidade, a mais íntima, nossa unicidade última e irrevogável; trata-se da relação do seu si mesmo, no que tem de mais pessoal e de mais rebelde a toda comparação (JUNG, 1995).

Poder-se-ia, pois, traduzir a palavra individuação por “realização de si mesmo”. “Constato continuamente que o processo de individuação é confundido com a tomada de consciência do eu, identificando-se, portanto, este último com o Si mesmo, e daí resultando uma desesperadora confusão de conceitos. A individuação não passaria, então, de egocentrismo e autoerotismo. O si- mesmo, no entanto, compreende infinitamente mais do que um simples

eu, a individuação não exclui o universo, ela o inclui (JUNG, 1995).

Vargas (2004) afirma que na terapia de casal, empregamos “o processo de individuação conjugal”. Ou seja, quando dois indivíduos se unem em um casamento, estão dispostos a criar uma terceira entidade, isto é, a conjugalidade, e o processo de individuação conjugal busca a realização das potencialidades que podem surgir dessa união.

Ainda seguindo os preâmbulos da conjugalidade, trazemos agora um pouco do que seria o tributo da psicologia analítica para o entendimento da conjugalidade. Para tanto, descreveremos os principais conceitos necessários à compreensão da psicologia analítica, segundo Carl Gustav Jung.

Primeiramente trazemos o conceito de inconsciente coletivo e arquétipo. O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos (JUNG, 2000).

Caetano (2015 apud Stein, 1978, p.95) diz que quando uma paciente busca terapia, escutamos o relato de sua história, que abrange pais, avós, tios e primos; constatamos uma intrincada rede de relações que atuam diretamente no seu desenvolvimento e acaba por influenciar nossa prática. As vivências da experiência da Mãe e Pai arquetípico, relacionadas à aos nossos pais, é de suma importância para o desenvolvimento psicológico da criança. Porém o desenvolvimento do Ego será deveras afetado se tal experiência básica for abalada muito cedo. De certa forma, o surgimento do ego a partir do inconsciente estar subordinado ao abandono progressivo das projeções arquetípicas encarnadas pelos pais.

Já no que diz respeito ao conceito de arquétipo, podemos colocar que, constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, por este não ser de natureza individual, mas universal; pois ao contrário da psique pessoal, ele possui conteúdo e modo de comportamento semelhantes a todos os indivíduos, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. (JUNG, 2000).

Nas palavras de Stein (1978, p.95), “Viver a experiência da Mãe e Pai arquetípicos, em relação aos próprios pais, é essencial para o desenvolvimento psicológico da criança”. No entanto, o desenvolvimento do Ego será seriamente afetado se esta experiência fundamental for

abalada cedo demais. Por outro lado, a emergência do ego a partir do inconsciente depende do abandono gradual das projeções arquetípicas encarnadas pelos pais.

Dando continuidade ao contexto da psicologia analítica para o entendimento da conjugalidade, trazemos a contextualização do termo “persona”. Jung (1994) definiu persona a um laborioso sistema de relação entre o indivíduo e a sociedade. Originalmente a máscara usada pelo ator, significando o papel que ia desempenhar, e é um segmento arbitrário da psique coletiva, uma máscara que aparenta individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, não passando de um papel, no qual fala a psique coletiva. Ela representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, acerca daquilo que alguém parece ser como: nome, título, ocupação, etc.

Ainda explorando as contribuições de Jung acerca da conjugalidade traremos o conceito de sombra. Esta possui uma forma arquetipo que serve como foco para o material que foi reprimido da consciência; seu conteúdo incorpora tendências, desejos e memórias que são refutadas pelo indivíduo por serem incompatíveis com a persona e contrárias aos padrões e ideais sociais. Ela abrange todas as tendências repulsivas que o indivíduo deseja repelir, incluindo nossos instintos animais, bem como qualidades positivas e negativas não desenvolvidas (FADIMAN, FRAGER, 2008).

Dentro daquilo que nos propomos que é discutir a conjugalidade, temos ainda o contexto de “anima e animus” Feist, Feist e Roberts (2015) contribuem trazendo que anima é o lado feminino dos homens. Jung acreditava que a anima se originava das experiências precoces dos homens com as mulheres (mães, irmãs e amantes) que se combinavam para formar uma figura generalizada da mulher. Já o animus seria o arquetipo masculino nas mulheres, é o simbólico do juízo e do raciocínio e que em todo relacionamento homem-mulher, a mulher corre o risco de projetar as experiências de seus ancestrais como os pais, irmãos, amantes e filhos no homem imprudente.

Para Jung (1987 apud. Guimarães, 2012), os vínculos estabelecidos entre os indivíduos intercorrem da projeção (identificação). Além disso, na projeção estariam a propensão tanto negativas como positivas que são “contrárias” ao ego. Portanto, há dois tipos de projeção: a positiva e a negativa. Na projeção positiva depreende-se que a psique projeta suas partes como sombra, anima, animus no mundo externo. A projeção denominada do eu apresenta a sensação de empatia com o exterior, são as características comuns. A projeção da sombra leva o sujeito a conceber várias diferenças que existem entre ele mesmo e o externo. Já a projeção da anima e do animus reconhece no mundo externo a sua “contraparte” sexual. A projeção positiva é uma busca de complementação, pois é através dessa função que os indivíduos sentem admiração,

respeito, amor, entre outros e pelo outro (MARRONI, 1998).

Marroni (1998) compreende a projeção negativa como uma “antipatia”, na qual o indivíduo projeta no outro somente a parte negativa do seu animus/ da sua anima / da sua sombra, por exemplo um indivíduo que é infiel tende a projetar em sua companheira sua sombra, tem crises de ciúme, ver rivais a todo instante, pois o ciumento sempre fantasia e desconfia da outra pessoa, ele projeta no outro toda a sua insegurança, por ter uma baixa autoestima acha-se incapaz de despertar no outro um real desejo.

Complementado, trazemos a definição de complexo, que Segundo Stein (1998), Jung, descreve a estrutura do complexo como sendo composta de imagens associadas e memórias congeladas de momentos traumáticos que estão enterradas no inconsciente e não são facilmente acessíveis para recuperação pelo ego. Seriam as lembranças reprimidas. Contudo quando um complexo está constelado, o indivíduo é ameaçado com a perda de controle sobre suas emoções e, algumas vezes, sobre seu comportamento. É como se a pessoa estivesse em poder de um demônio; uma força muito superior à sua vontade. Os complexos são o que permanece na psique depois que ela digeriu a experiência e a reconstituiu em objetos externos. Segundo o autor, os complexos são criados na vida pessoal, familiar e social.

De acordo Whitmont (1969, p. 16) no que se refere ao símbolo, é definido por Jung como “a melhor descrição, ou fórmula, de um fato relativamente desconhecido; um fato, todavia reconhecido ou postulado como existência”. Enquanto um símbolo for vivo, expressão melhor de alguma coisa e só tem significado porque é vivo. Uma vez surgido o sentido do símbolo, ou seja, encontrada aquela expressão que formula melhor a coisa procurada, esperada ou pressentida do que o símbolo até então empregado, este se torna morto, tendo apenas significado histórico (JUNG, 1991).

No que se refere ao self e individuação no contexto da conjugalidade, Jung conceitua Self como sendo a totalidade da psique, o arquétipo central. O “Si mesmo” (Self) seria a imagem divina. Tudo o que se diz sobre a imagem de Deus pode ser aplicado sem nenhuma dificuldade aos símbolos da totalidade (JUNG, 1998).

Segundo Jung (1991) o “Si mesmo” designa o âmbito total dos fenômenos psíquicos no homem. Expressa a unidade e totalidade da personalidade global. O conceito de “Si mesmo” engloba o experimentável e o não experimentável. O conceito de Self está interligado ao conceito de individuação, que consiste em um processo que sempre pode ser mais aprofundado. Está intimamente vinculada à chamada função transcendente, pois ela traça as linhas de desenvolvimento individual que não poderiam ser adquiridas pelos caminhos prescritos nas normas coletivas.

Depois de passar pelo contexto Jungiano acerca da conjugalidade e tudo o que a este contexto nos apresenta, vamos entender o que a mitologia tem a oferecer para que possamos trazer um quadro clínico, que aos olhos do tema proposto, vai possibilitar uma interpretação de um caso familiar. Para dar início, vamos ao significado de mito. Segundo o dicionário Aurélio, mito significa: Personagem, fato ou particularidade que, não tendo sido real, simboliza não obstante uma generalidade que devemos admitir. Coisa ou pessoa que não existe, mas que se supõe real. Coisa só possível por hipótese; quimera. É a forma de explicar o mundo e o homem, como uma parte alegórica, metafórica ou simbólica da linguagem. As funções do mito seriam de ordem: Religiosa, com a pretensão de adequar a consciência; Lógica, para decifrar as figuras do universo; Ética, para dar respaldo, de maneira moral, às existências; Estruturante, para reger os humanos pelos estágios da vida (ALVARENGA, 2010).

Ao inferirmos a respeito do mito podemos pesquisá-lo na história dos povos e culturas, galgamos a compreensão de suas estruturas de palavras, tendo acesso ao seu sentido mais intrínseco. E ao estabelecermos uma relação de correspondência com os conceitos míticos com uma forma de linguagem ou expressão de um pensamento ao inconsciente, percebemos o quanto se repetem em culturas e povos diversos, enunciando realidades primordiais. Tal fato fundamenta o conceito de inconsciente coletivo de Jung; esse por seu aspecto de se repetir, reedita-se sob expressões objetivas das estruturas primordiais, expressas por Jung como Arquétipos (ALVARENGA, 2010).

Como estudiosos da psiquê humana é de suma importância atentarmos para a outra dimensão simbólica, pois quando conhecemos o mito, temos uma forma, entendendo o mito como tradução de realidade do psiquismo humano, ao conhecermos o mito, passamos a conhecer como estas funcionam, reagem, desejam e como se transformam. (BRANDÃO, 1986).

Ao vivermos o mito realizarmos-nos no rito, compondo-se com a energia dos primórdios; rito, portanto seria a experiência que temos da realidade fenomênica proporcionando-nos uma vivência tal qual como na primeira vez; tal transformações ocorridas nesse tempo, como relatadas pelo mito, repetem-se todas as vezes que o rito é realizado, e a energia dos primórdios passa a ser experimentada por aqueles que dele participa. Esse instante onde a realidade tanto do passado e do presente da consciência linear é classificado como ritual, tudo está contido nesse tempo único da realidade onírica, chamado de tempo circular ou tempo sagrado, conseguimos retomar algumas vivências e integrá-las na consciência de forma transformada, significando modificar o passado (ALVARENGA, 2010).

Tal realidade é um dos acontecimentos mais extraordinário do processo analítico, chamado de compreensão simbólica; a mudança ocorrida no processo analítico faz-se á imagem

e semelhança do rito. A compreensão simbólica dos *mitologemas* (conjunto de várias histórias míticas que traduzem uma mesma temática) componentes das histórias de vida dessas divindades gregas são recursos importantes para interpretação dos conteúdos que constituem o processo de análise, por isso essas histórias de vida tornam-se referenciais de suma importância para explicar relacionamentos, conflitos, patologias, e as possibilidades para solucionar essas contendas; ao fazermos a leitura simbólica dessas divindades é possível estabelecer uma correlação entre a tipologia humana de Jung e os conceitos de Myers e Myers (ALVARENGA, 2010).

Essas histórias de vida das personagens míticas, no caso Ares, Afrodite e Hefesto, são imagens ou expressões arquetípicas de estruturas primordiais presentes e regentes das personalidades de todos os seres; podendo estas funcionarem como substitutivos das funções de consciência e das estruturas relacionais norteadoras explícitas de como o contato com o outro se realiza (ALVARENGA, 2010, p.16).

Segundo Alvarenga (2010), as regências da consciência poderão ser representadas por tais divindades, com sua tipologia específica, o que nos possibilita uma compreensão mais ampla da condição humana, onde todos os seres humanos são extrovertidos ou introvertido diante das inúmeras situações existências, que irão depender do divino emergente. Aonde é de suma importância o fato de que esses divinos estejam presentes em todos os indivíduos, seja na consciência, em suas estruturas relacionais, bem como nas mais profundas de caráter feminino e masculina, tanto quanto no homem ou na mulher, possibilitando-nos um vislumbre dessas divindades, ou seus atributos, reclamantes de integração no campo da consciência e estruturação egóica, possibilitando a realização do processo de individuação.

De acordo com a classificação tipológica de Jung que indica a existência arquetípica de duas disposições típicas da consciência: a extrovertida e a introvertida. Pois nas palavras de Alvarenga (2010, p. 20):

A atitude aponta para um padrão da consciência com relação ao seu objeto, com o mundo exterior; tais atitudes traduzem a forma como a libido preponderadamente opera no processo interacional. Na atitude introvertida há um fluir energético do objeto para o sujeito, emocionando-o, invadindo-o muitas vezes, possibilitando a configuração de uma situação ameaçadora.

Enquanto que na atitude extrovertida o objeto faz parte da influência energética, o indivíduo vai à busca do objeto que o instiga e encanta, na extroversão o sujeito apropria-se do objeto e de forma simbólica o devora; já na atitude introvertida, o sujeito é capturado pelo objeto. Fazendo com que este sinta-se devorado; desta forma a atitude da consciência estará continuamente concentrada no sujeito do fenômeno e na sua relação com o objeto externo.

Diante do contexto da “compensação”, este conceito foi exposto por A. Adler, no sentido de explicar circunstâncias emergentes na dinâmica da psique, compensatórias aos sentimentos de inferioridade do neurótico, conduzindo o sujeito a tomar atitudes de cunho prepotente, radical para com o outro. Para Jung o princípio da compensação é um fenômeno universal, autorregulador da psique que traduz a condição básica de nada haver no reino do mundo manifesto, que ocorram na realidade por uma só polaridade. Deste modo sempre que houver uma atitude extroversa da consciência haverá, no inconsciente uma atitude introvertida e vice-versa (ALVARENGA, 2010).

Segundo J. Hillman (1987) Jung usa dois termos *órgão* e *função* usando expressões semelhantes as da fisiologia. A função seria uma qualidade, um atributo por onde a consciência opera e realiza sua atividade; o *órgão* consciência admiti duas atitudes: extroversão e introversão que operam com características próprias, conforme um jeito de ser, de se revelar, de se organizar, de considerar, avaliar e sofrer o mundo; tais modos seriam expressões segundo a percepção, a intuição, o sentimento e o pensamento.

Para Jung as funções intuitiva e perceptiva são irracionais e não lógicas, como a competência para a compreensão da realidade, já as funções sentimental e pensativa como racionais, lógicas, avaliativas ou julgadoras. As duas atitudes da consciência e suas quatro funções multiplicam-se didaticamente em oito tipos psicológicos, se levarmos em conta a atitude e a função dita superior ou principal, ou seja, aquela que mais naturalmente se sobressai em nós.

Ao considerarmos a atitude, a função superior, e a inferior ou a mais inconsciente das quatro, podendo também ser chamada de quarta função, e suas auxiliares que seriam as que se acham mais à mão após a principal, que auxiliam de fato a entrada em contato com a função inferior, têm-se de acordo com Jung, oito tipos. É importante aqui ressaltar que Jung deixou bastante claro que o objetivo de tal classificação não seria comprimir o sujeito sob a égide de um rótulo engessando num modo de funcionamento; ao contrário ela viria como um relevante instrumento clínico, capaz de estender a consciência e ajudar o ser humano de modo que venha a se beneficiar de tal conhecimento.

Foi por isso que Myers e Myers ampliaram a tipologia elaborada por Jung, nos dando mais instrumentos para uma melhor compreensão dos tipos, elas propuseram que considerarmos duas outras atitudes: de Julgamento ou de Percepção para lidar com o mundo exterior. Perceber é ter consciência, seria compreender aquilo que podemos ver em determinadas situações. Percebemos de duas maneiras, e damos preferência a uma ou outra forma: (S) Sensação: a pessoa se interessa pela realidade. (N) Intuição: interessa-se pelas ideias

que surgem. Julgar é tirar conclusões a respeito do que foi visto; e o fazemos de duas formas: (T) Pensamento que consiste num processo lógico ao qual nos dirigimos a uma descoberta impessoal, organizando fatos e ideias. (F) Sentimento é quando fazemos uma aproximação pessoal da realidade, agregando as coisas um valor subjetivo.

Segundo Baptista (2010) há momentos nos quais necessitamos usar os quatro processos: a sensação para averiguar os fatos importantes; a intuição para percebermos as possibilidades e efetivá-las; o pensamento para estabelecermos as consequências e a melhor maneira de resolvê-las; e o sentimento para avaliarmos o efeito de tais consequências sobre as pessoas implicadas e sobre si mesmo. Pessoas introvertidas concentram a percepção e o julgamento nas ideias, trabalham melhor em reflexão; já os extrovertidos focalizam no seu ambiente exterior, e trabalham melhor em ação.

Baptista (2010) afirma que às atitudes Perceptiva (P) e julgadora (J), dizem respeito à predileção a forma de viver, na forma pela qual lidamos com o mundo ao nosso redor; tais atitudes não podem ser usadas ao mesmo tempo e as pessoas trafegam entre elas. Pessoas julgadoras ordenam sua vida, e as perceptivas unicamente vivem. Esquema e classificação tipológica dos 16 divinos atribuídas por Baptista:

No quadro abaixo temos a classificação tipológica pelo referencial Meyers e Meyers - Deusas e Deuses:

Divinos	Atitudes e Função 1	Atitude e Função 2
Afrodite	Sensação Extrovertida	Sentimento Introvertido ESFP
Ares	Sensação Extrovertida	Pensamento Introvertido ESTP
Hefesto	Sensação Introvertida	Pensamento Extrovertido ISTJ

Fonte: Alvarenga 2010. - Legenda: E = extrovertido; I = introvertido; T = pensamento; F = sentimento; S = sensação; N = intuição

- **Ares** - É o deus que simboliza e expõe características muito poucas estimadas no mundo Grego, tais quais: agressividade, impulsividade, força física; segundo Homero ele era filho de Hera e Zeus que foi por este rejeitado e detestado, já que Zeus admirava o saber e a inteligência de Atenas com a qual Ares tinha grandes desentendimento (ALVARENGA, 2010).

Tipologia de ares - ESTP: Sensação extrovertida apoiada pelo pensamento

Passional e feroz, age de forma direta; indivíduos regidos por essa tipologia são práticos e apreciam a ação; são impacientes para elucidações mais extensas ou divagações,

aprendem à medida que vão fazendo as coisas, são realistas e objetivos, apreciam fatos concretos, pois baseiam-se em seus sentidos para avaliarem melhor a situação. Os diversos relacionamentos amorosos dos quais teve Ares geraram vários filhos o que contribuiu para apresentar aspectos transformadores da psique, pois conseguiu colocar sua força como também seu impulso agressivo para assimilar o novo, sendo este aspecto bem usado importante para o desenvolvimento da personalidade (ALVARENGA, 2010).

- **Afrodite** - Deusa tanto do amor sublime como do carnal, dos prazeres sexuais, das forças irrefreadas da fertilidade, da beleza, dos relacionamentos e das mudanças. Afrodite Celeste representa o amor na sua forma intensa e magnífica, simboliza a sedução irrefreável para fecundar a natureza, guardando em sua simbologia os atributos e competências figurativas do amor como também da beleza (ALVARENGA, 2010).

Já na versão Afrodite Pandêmia (a venerada por todo o povo), tem tanto seus atributos como suas competências restritas a condição de deusa do amor, beleza, sedução e do relacionamento sexual. Quando Afrodite é humanizada, fornece princípios fundamentais aos relacionamentos amorosos, as práticas do amor humanitário, ao êxtase diante do que é belo e a experiência do prazer (ALVARENGA, 2010).

Tipologia de Afrodite - ESFP: *Sensação extrovertida apoiada pelo sentimento*

Sua personalidade se assemelha com as personalidades tipo Sensação Extrovertida, sustentada pelo Sentimento Introverso, enxergam as coisas tal qual elas se apresentam, são práticas, apreciam o que a vida tem de melhor, são divertidas; porém quando sobressai seu tipo sensorial extroverso, tem suas vivências através da percepção, captam o mundo pela sensação e o avaliam pelo sentimento (MYERS e MYERS, 1997).

- **HEFESTO** - Deus artífice, ferreiro, artesão, criador de objetos, manca de uma perna pois foi jogado por sua mãe Hera do Olimpo, sendo por esta desprezado e rejeitado desde o seu nascimento por não ser belo como Atenas, (ALVARENGA, 2010).

Tipologia de Hefesto - ISTJ: *Sensação introversa apoiada pelo pensamento*

Pessoas regidas pela personalidade de Hefesto apresentam como característica a ferida parental de abandono, principalmente relacionada com a mãe, são sistemáticos, meticolosos,

cuidadosos, tem dificuldades em atender necessidades contrárias as suas, se tem despertado o seu aspecto criativo tem a capacidade de transformar suas feridas em uma inesgotável fonte criativa (ALVARENGA, 2010).

METODOLOGIA

Entende-se por metodologia a abordagem da realidade a partir de uma diretriz de pensamento e do exercício de uma prática. Sendo assim pensamos a metodologia como um processo de articulação que envolva conteúdos, pensamentos e existência (MYNAIO, 1994). Abarcando, portanto, as compreensões teóricas de abordagens, bem como as técnicas que dão possibilidade a construção da realidade, além da criatividade do observador.

Nesta perspectiva, Mynaio (1994, 17), complementa sobre a pesquisa, esta que é a atividade básica da ciência:

Entendemos sobre pesquisa a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.

Neste estudo, apresentamos um estudo de caso clínico em torno de um atendido realizado na Clínica Escola – Casa da Cidadania, localizada nas dependências do Centro Universitário Unifacvest, na cidade de Lages – SC. Como referencial metodológico adotou-se uma abordagem de perspectiva qualitativa, sendo elaborado um diálogo entre o pesquisador e o campo empírico, visando o procedimento de produção de conhecimento.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MYNAIO, 1994, p. 21-22).

As investigações em sua totalidade, sempre se iniciam em decorrência de um problema a cerca de uma questão, que produz uma dúvida ou uma pergunta. Estas por sua vez se articulam a conhecimentos anteriores, mas também proporcionam uma abertura para a elaboração de outros caminhos de referenciais (MYNAIO, 1994).

Para este estudo foi utilizado pesquisa bibliográfica e estudo de caso a partir de um caso clínico. O estudo de caso como estratégia de pesquisa é o estudo de um caso, simples e

específico ou complexo e abstrato e deve ser sempre bem delimitado. Segundo Yin (2005) trata-se de uma forma de se fazer pesquisa investigativa de fenômenos atuais dentro de seu contexto real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas.

De acordo com Gil (2002, p. 79), “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo exaustivo e em profundidade de poucos objetos, de forma a permitir conhecimento amplo e específico do mesmo; tarefa praticamente impossível mediante os outros delineamentos considerados”. A autora acrescenta que “o delineamento se fundamenta na ideia de que a análise de uma unidade de determinado universo possibilita a compreensão da generalidade do mesmo ou, pelo menos, o estabelecimento de bases para uma investigação posterior, mais sistemática e precisa” (GIL, 2002).

Entretanto, considera a dificuldade de generalização dos resultados obtidos, a limitação mais grave do estudo de caso, ao afirmar que:

A impossibilidade de generalização dos resultados obtidos com o estudo de caso constitui séria limitação deste tipo de delineamento. Todavia, o estudo de caso é muito frequente na pesquisa social, devido à sua relativa simplicidade e economia, já que pode ser realizado por único investigador, ou por um grupo pequeno e não requer a aplicação de técnicas de massa para coleta de dados, como ocorre nos levantamentos. A maior utilidade do estudo de caso é verificada nas pesquisas exploratórias. Por sua flexibilidade, é recomendável nas fases de uma investigação sobre temas complexos, para a construção de hipóteses ou reformulação do problema. Também se aplica com pertinência nas situações em que o objeto de estudo já é suficientemente conhecido a ponto de ser enquadrado em determinado tipo ideal (GIL, 2002, p. 140).

Mas, de forma geral, o Estudo de Caso visa proporcionar certa vivência da realidade, tendo por base a discussão, a análise e a busca de solução de um determinado problema extraído da vida real. Em verdade, trata-se de uma estratégia metodológica de amplo uso, quando se pretende responder às questões 'como' e 'por que' determinadas situações ou fenômenos ocorrem, principalmente quando se dispõe de poucas possibilidades de interferência ou de controle sobre os eventos estudados.

Para obtenção dos dados referentes ao caso clínico foram utilizados os relatos de sessões, bem como dos relatórios finais de estágio, apresentados às matérias de Psicodiagnóstico e Estágio Clínico I e II. Após a coleta de dados, retirados dos relatórios, foi feito um exame minucioso do discurso dos pacientes frente aos atendimentos. Logo após, serão elaboradas discussões e levantados questionamentos em torno do caso clínico, tendo como referencial a Teoria de Jung. Isto nos serviu para, além de estudarmos o caso em si, elaborarmos questões em torno da nossa prática clínica, enquanto psicólogos.

DISCUSSÃO DO CASO CLINICO

A partir do que foi exposto até o momento, vamos apresentar o caso clínico. Este atendimento aconteceu na clínica escola do Curso de Psicologia do Centro Universitário Unifacvest. Trata-se de um caso de psicoterapia de casal que segue os preceitos da teoria de Jung. Porém, vamos apresentar este caso, fazendo uma correlação com a mitologia.

Apresentação do caso clínico

Vamos chamá-los de Pedro e Maria, eles se propuseram fazer terapia de casal porque seu filho Joãozinho estava fazendo terapia, tanto Maria com Pedro acharam oportuna a terapia de casal pois tanto ela como ele queixaram-se de que não havia mais conversa entre eles, Maria dizia não se sentir uma esposa, mas sim achava que Pedro ainda a via como uma amante que só de vez em quando ia visitá-la, dizia que Pedro não colocava ela a parte das coisas que fazia.

Pedro por sua vez dizia não sentir-se acolhido dentro de sua casa, por isso optava em ficar mais na rua, e que não achava necessário dar satisfação de seus atos a Maria porque achava a mesma muito imatura é ignorante, que ela era apenas alguém que quando ele queria ter relações sexuais buscava, e que não sentia nenhuma vontade de se casar, pelo contrário estava pensando seriamente em deixá-la.

Pedro se dizia ser bastante ativo, não gostava de ficar parado, afirmava com orgulho ter começado a trabalhar aos 12 anos de idade e orgulhava-se de aos 62 anos de idade de ainda estar na ativa, agia com sua companheira de forma impulsiva, sendo algumas vezes agressivo por não gostar que essa fala-se com outras pessoas, até mesmo com sua irmã, proibia Maria de sair pois dizia que ela deveria cuidar da casa e dos filhos.

Usaremos aqui a correlação dos mitos de Ares: para Pedro, Afrodite: para Maria e de Hefesto: para Pedrinho. Bem como faremos um breve relato da família constituinte de Pedro e de Maria.

Pedro é o terceiro filho de uma prole de dez, seu pai ganhava a vida com vendas de diversos produtos, o que ocasionava de vez em quando um lucro não satisfatório para a manutenção de sua família, o pai de Pedro não era afeito a demonstração afetiva para com seus filhos, achava que estes deveriam viver de acordo com as condições que se apresentavam estudar para ele era coisa de rico, dizia que seus filhos deveriam satisfazer-se com a vida que tinha que sonhos eram para “trouxas”. Pedro, no entanto discordava de tal argumento, sonhava

em ter posses, por isso começou a trabalhar aos doze anos de idade, vindo a casar-se aos vinte anos, sendo que com sua esposa teve três filhos, mas ao mesmo tempo em que vivia maritalmente com esta, por fora vivenciava uma relação extraconjugal com Maria que tinha na época dezesseis anos de idade, vindo esta a engravidar dele, Pedro afirma que Maria deu o golpe do baú, só que segundo ele, ela “se deu mal”; pois ele dividiu os seus bens única e exclusivamente com os filhos de seu casamento.

Pedro diz que nunca foi fiel a mulher nenhuma, afirma que Maria só estar interessada em seu dinheiro, mas que ela jamais ficará com algum dinheiro. Diz que Maria sabe de seus outros relacionamentos e que tem mais um filho com outra mulher que atualmente este filho tem 30 anos de idade, e que Maria detesta esse filho.

Maria por sua vez, foi adotada por seus avós na mais tenra infância, já que sua mãe não quis ficar com ela, considera sua avó como se fosse sua mãe, em relação a sua progenitora diz sentir absolutamente nada. Diz ter sentido muito a morte de sua avó, e que costuma visitar sua irmã todo domingo, almoçando com ela o que é motivo de desavença com Pedro, pois este acha um absurdo Maria ter que ir todo domingo a casa de sua irmã.

Pedro não admite que Maria fale com outras pessoas, não autorizou Maria estudar quando esta era mais nova, ela cursou apenas o ensino fundamental, segundo este o lugar da mulher é cuidando da casa e dos filhos, mas que agora que os meninos estão criados que se Maria quiser ela pode estudar desde que não deixe de lado seus afazeres domésticos.

Maria e Pedro têm filhos de 23 e 22 anos, uma filha de 16 anos que está grávida de uma menina, e um filho de 12 anos que segundo ela “só causa problema”. Pedro mesmo separado de sua esposa não assumiu Maria como sua nova companheira, para ele Maria é apenas uma mulher relativamente bonita e sedutora, mas muito ignorante e ele jamais casaria com esse tipo de mulher que se relaciona com um homem casado por interesse.

Segundo Lima e Baptista (2010) o homem Ares é bastante ativo e emocional, destemido, passional, caso tenha uma ferida paterna ou materna de rejeição e pouco espelhamento, se arma e se encouraja como defesa os ditames da vida. Pedro queixava-se do comodismo de seu pai, dizia que este não tinha força de vontade, se contentava com pouco, reclamava de sua omissão perante a família e para com sua mãe, já que esta tinha que trabalhar bastante porque esse se preocupava mais com o seu divertimento do que com a família.

Lima e Baptista (2010) dizem que se caso esses homens se identificam com o lado abandonador de seus pais, podem se tornar agressivos e violentos; se caso este se relaciona com uma mulher Afrodite esta poderia lhe dar o amor e a compreensão, visando torná-lo dócil e entregue. Embora essa mulher possa satisfazê-lo, não há nesse tipo de relacionamento amarras

e vínculo duradouro, embora Ares esteja relacionado a virilidade e fecundidade, conta a história que este teve três filhos, Pedro teve quatro filhos com Maria que era sua amante enquanto estava casado.

Na terapia é recorrente a fala de Pedro que não o valorizam em sua família constituinte como constituída, diz que é mais valorizado na rua, que em casa ninguém liga para ele. Ares também foi rejeitado por seu pai Zeus, contribuindo com uma certa infantilidade, já que a todo instante Pedro busca como Ares a aprovação movida pela carência de ser visto, bem como um ressentimento que o impulsiona a suas batalhas.

Maria apresenta-se diante de Pedro sem as características sublimes da expressão do feminino, bem como da dinâmica matriarcal, assim como Afrodite se vista apenas pela versão Pandêmia como sedutora e devassa, Para Pedro ela é apenas a amante. Para Lindenberg (2010), Afrodite e Ares caracterizam a relação de fogo entre casais com desejo feroso, tanto um como o outro são impetuosos; Ares violento sempre se defende quando ameaçado, Afrodite apaixonada, sem pudores e sem amarras para vivenciar seus desejos.

Maria e Pedro tem um filho chamado Pedrinho que a todo tempo é insultado por seu pai, este se quer sabe se Pedrinho nasceu de parto normal ou cesariana, Pedrinho é bastante revoltado pois costuma dizer que gostaria que seu pai fosse realmente seu pai indo as reuniões da escola e que não se deixa tudo as costas de sua mãe.

Pedrinho apresenta as características psicológicas de Hefesto, o deus coxo, aquele que passa quase que despercebido se não fosse por sua virtude de construir. Assim com Hefesto, Pedrinho achava que era preterido em relação aos seus outros três irmãos, já que afirmava entre dentes, com os olhos lacrimejantes que sua mãe só pensava nos outros; “a mãe não me ama ela só me usa quando quer dinheiro do pai, ele diz que eu só dou trabalho, que sou respondão e birrento, mas você acha que eu posso ser diferente se eles deixam meu irmão me bater, eu não tenho pai nem mãe, para me defender, só para mandar, por isso eu bato a porta, e chuto tudo que posso. (SIC) ”

Hefesto agride tanto para se defender como para defender a outrem, age como um modelo egóico impelido pelo complexo de inferioridade, essa dinâmica de ação assinala para a tendência latente de regressão a estágios primordiais, quando feridas primárias são tocadas; a personalidade regredida reclama por conserto e proteção de instâncias mais íntegras e preservadas da psique (PALOMO e CORDEIRO, 2010).

Pedrinho carrega assim como Hefesto a contradição entre a perfeição e o erro, é o filhinho da mãe quando convêm a esta conseguir dinheiro de seu pai. De acordo com Palomo e Cordeiro, (2010), Hefesto alude a uma reunião de forças psicológicas tecida a partir da rejeição,

da dor e da existência a margem de seus irmãos, foi um Deus que não tinha acesso ao Olimpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar que ao identificarmos o tipo psicológico de alguém, bem como a observação dos relatos míticos e ao cruzarmos estes com as realidades vividas desta pessoa, eles nos dão elementos importantes para compreender, e até mesmo prever alguns comportamentos, ampliando imensamente a consciência a cerca daquela psique. (ALVARENGA e BAPTISTA, 2010).

O foco deste estudo foi relacionar o poder do mito, bem como a influência dos tipos psicológicos na vivência familiar deste casal, bem como as possíveis leituras dos mitologemas componentes, uma vez que o material psíquico configurar futuros anunciados, que podem ser antevistos nos componentes arquetípicos que são expressos pela condição mítica, ampliando de forma extraordinária a condição do trabalho na clínica analítica.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, M. Z. **Mitologia Simbólica: estruturas da psique & regências míticas**, 2010.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega** (Vol. I). Petrópolis: Vozes, 1986.

CAROTENUTO, A. **Eros e Pathos: amor e sofrimento**. São Paulo: Paulus, 1994.

FADIMAN, J., FRAGER, R. **Personalidade e crescimento pessoal**. 5ªed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FEIST, J.; FEIST, G., J; ROBERTS, T., A. **Teorias da Personalidade**. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. 8º ed. São Paulo: ARTMED, 2015.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HILLMAN, J. **A função sentimento**. In Tipologia Junguiana. São Paulo: Cultrix, 1987.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, C. G. **Animus e Anima**. São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** (2ªed.) Petrópolis: Vozes, 2000.

MARONI, A. **Jung o Poeta da Alma**. São Paulo: Summus, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 23.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, N. M. – **Fica comigo para o café da manhã – O mito amoroso e a mulher contemporânea**, São Paulo, Olho d'água, 2000. Stein, R. **Incesto e amor humano**. São Paulo: Símbolo, 1978.

VARGAS, N. S. **Terapia de casais: uma visão junguiana**. São Paulo: Madras, 2004.

YIN, R. K. **Estudo de caso. Planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.